

## **O anarquismo brasileiro: nas folhas dos jornais, espelhando a educação**

Aracely Mehl Gonçalves - UEPG / Faculdades Integradas de Itararé

Maria Isabel Moura Nascimento (orientadora) - UEPG

Entre os anos 1820 e final dos anos 1900, pensadores da educação desenvolveram um conjunto de teorias pedagógicas e idéias que vieram a ser chamadas de “libertárias”.

Esta pesquisa tem como tema principal a Pedagogia Libertária, introduzida em nosso território pelos anarquistas e pretende analisar de que maneira os periódicos, que representavam este pensamento, contribuíram para espalhar os ideais desta pedagogia aos seus leitores, dentro do período compreendido pelos anos 1917 a 1927.<sup>1</sup>

O procedimento metodológico adotado na pesquisa esta sendo o de coleta e classificação de reportagens do jornal “A Plebe”. As fontes primárias para a pesquisa foram coletadas no Arquivo Edgard Leuenroth, na Universidade Estadual de Campinas. Estão sendo feitas cópias na íntegra das reportagens que versam sobre educação, as quais estão sendo, digitalizadas e organizadas em um banco de dados específico para a pesquisa para então serem analisadas á luz do referencial teórico .

O episódio da educação libertária no Brasil, inicia-se com a vinda dos imigrantes no final do século XIX e início do século XX, a fim de substituir a mão de obra escrava, na Província de São Paulo, para trabalhar nas fazendas de café.

A vinda dos imigrantes; pessoas de diversas origens, culturas e valores trazem consigo diferentes pensamentos que convivem pacificamente ou nem tanto dentro das indústrias, porém, “[...] o anarquismo se converteria na principal corrente organizatória do movimento operário, tanto no Rio de Janeiro quanto em São Paulo.” (FAUSTO, 1977, p.62)

Preocupados coma alta taxa de analfabetismo presente na classe trabalhadora e como este fato dificultava a divulgação de seus ideais entre estes, os libertários voltaram seus olhos à educação de seus militantes através dos jornais, já que somente assim ocorreria um verdadeiro engajamento do trabalhador a luta dos sindicatos.

A imprensa anarquista e operária, ligada aos sindicatos que eram formados devido ao crescimento da industria paulista<sup>2</sup>, contribuiu sobremaneira á divulgação dos ideais do

movimento e suas ações políticas, trazendo também um caráter didático e doutrinário. Para garantir a educação política de seus membros e espalhar seu ideal na comunidade, os anarquistas faziam grande uso dos jornais e impressos.

Além dessas e de outras iniciativas<sup>1</sup> de caráter experimental, há outras que, por corresponderem a necessidades permanentes, fazem parte integrante do movimento anarquista. Figuram entre essas atividades a imprensa (jornais e revistas), as de editoras, os centros e ateneus de cultura e grupos teatrais. (LEUENROTH, 1963, p.15)

Ao se eleger o jornal Anarquista “A Plebe” como fonte histórica para esta pesquisa, apresenta-se a necessidade do estudo do processo ideológico e histórico de sua formação bem como da constituição do movimento social em que ele está inserido.

As perseguições aos redatores e colaboradores do jornal, os empastelamentos<sup>3</sup> e as dificuldades financeiras fizeram com que o jornal muitas vezes saísse de circulação por determinados períodos de tempo, retornando algum tempo depois. Os sucessivos empastelamentos de “A Plebe” indicam a grande repercussão que o jornal tinha entre os trabalhadores. (GONÇALVES, 2004, p.132)

Aconteça o que acontecer, nunca A Plebe deixará de circular. Ela é precisa e indispensável, porque os destinos da classe trabalhadora andam ligados aos seus. Enganam-se os senhores do mando, supondo que por tais processos, conseguirão esfacelar a organização sindical dos trabalhadores conscientes dos seus direitos e dos seus deveres. (A PLEBE, 1917, n.13, p.1)

Ao se fazer a opção de ter o jornal como fonte histórica em uma pesquisa é necessário que o pesquisador esteja ciente que a imprensa jornalística toma suas posições e através dela quer formar opiniões. O historiador faz uso destes posicionamentos tomados pelo jornal para “[...]detectar a posição político-ideológica do jornal, o que pensam de política e que visão da realidade tem os proprietários ou diretores do jornal, ou melhor, o grupo social que eles representam. (BORGES, 1985, p.25)

A imprensa jornalística é um poderoso instrumento de divulgação de idéias, valores e comportamentos, que, ocultando interesses econômicos e políticos representados no jornal em

que as notícias vinculadas são construídas e através de relatos direcionados para determinados interesses, exerce sua influência em diferentes setores da realidade brasileira.

As informações veiculadas na imprensa permitem perceber que as relações de produção constituem a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se eleva uma superestrutura jurídica e política e à qual correspondem formas sociais determinadas de consciência. O modo de produção da vida material condiciona o processo de vida social, política e intelectual (MARX, 1989 p.231), enfim a concepção estabelecida pela sociedade é norteadas pelas suas práticas.

Estas idéias no imaginário social tornam-se ideologia, dependente do modo de produção econômica vigente na sociedade.

A produção destas idéias, das representações e da consciência está ligada diretamente com a atividade material e o intercâmbio dos homens, pois não “[...] é a consciência que determina a vida, mas sim a vida que determina a consciência” (MARX, 1979, p. 26).

Tais idéias representam o modo como essa realidade aparece ao homem e se por acaso esta representação não demonstra a realidade efetiva é consequência de modo limitado de agir deste e das relações limitadas que surgem a partir disso.

A consciência nunca pode ser mais do que o Ser consciente; e o Ser dos homens é o seu processo da vida real. E se em toda a ideologia os homens e as suas relações nos surgem invertidos, tal como acontece numa *câmera obscura*, isto é apenas o resultado do seu processo de vida histórico, do mesmo modo que a imagem invertida dos objectos que se forma na retina é uma consequência do seu processo de vida directamente físico.[...] Mesmo as fantasmagorias correspondem, no cérebro humano, as sublimações necessariamente resultantes do processo da sua vida material que pode ser observado empiricamente e que repousa em bases materiais (MARX, 1979, p. 26).

Defendendo o proletariado, o jornalismo anarquista mantém também uma ideologia em consonância com os ideais do grupo que representa fazendo assim uma “[...] crítica da ideologia da classe dominante a partir de uma posição de classe diferente, ou - por extensão, de um diferente ponto de vista ideológico.[...]” (BOTTOMORE, 2001, p.186)

Ao se trabalhar com um jornal proletário, encontra-se fortemente o compromisso do redator com a verdade dos fatos e o desvelamento da ideologia colocada pela classe dominante, o jornal se torna então como[...] o cão-de-guarda público, o denunciador incansável dos dirigentes, o olho onipresente, a boca onipresente do espírito do povo que guarda com ciúme sua liberdade.” (MARX, 1980, p.68). o dever da imprensa é colocar sua voz em favor dos oprimidos e minar todas as bases do sistema político existente.

Percebe-se que, por ter sido, no período analisado, o único movimento que defendia os interesses dos trabalhadores, a imprensa anarquista teve um relativo êxito em colocar a ideologia de seu grupo e lutar contra a ideologia das classes dominantes propondo uma nova ideologia como consciência política ligada aos interesses de cada classe.

Numa situação de confrontação de classes, a ideologia parece estar ligada aos interesses da classe dominante e sua crítica aos interesses das classes dominantes; em outras palavras, a crítica da ideologia dominante é realizada a partir de uma oposição de classe diferente, ou, por extensão, de um diferente ponto de vista ideológico. (BOTTOMORE, 1983, p.186)

O pensamento educacional que defendiam estava de acordo com a ideologia apregoada pelo grupo. Na visão dos libertários, a educação burguesa tradicional, tanto a oferecida pelo seu aparelho estatal quanto à educação mantida por instituições religiosas, mesmo com o cientificismo propagado pelo Liberalismo presente na época, através do método analítico, é na realidade arbitrariamente ideológica, que se esconde por trás de um discurso de pretensa neutralidade. O jornal “A Plebe” trazia em sua edição de 05 de março de 1920: “A instrução que fornecem é tendenciosa, incompleta, saturada de preconceitos, impregnada de superstições, vizando a perpetuação deste regimen corrupto e usurpador [...]”.

Nenhum organismo procura a sua destruição.Todos os governos procuram eternizar-se, todos os privilegiados tem tido o interesse em não instruir e moralizar o povo.O seu domínio cimta-se na ignorância e embrutecimento das massas populares e laboriosas.Fazer o contrário seria arranjar lenha para se queimarem.( s/a, A PLEBE, julho de 1925)

O sistema de ensino patrocinado pelo Estado simplesmente se dedica a reproduzir as estruturas de dominação e exploração do proletariado, doutrinando os alunos a ocuparem seus lugares já predeterminados, portanto, lutar para a educação dos operários era possibilitar a eles o acesso a ciência, ao conhecimento que os instrumentalizaria para uma verdadeira atuação social e paulatinamente a revolução.

A burguesia não se limita somente a assambarcar os instrumentos de trabalho e a terra: as Universidades, as escolas, as academias são sua pertença e o proletário só vencendo obstáculos tremendos consegue utilizar-se de uma ciência acumulada por muitas gerações [...] (BATALHA, A. *A Plebe*, 04-06-1921)

Faça-se tudo que se possa a favor da instrução e educação: na oficina, na associação, em família, no teatro, na escola, falando, escrevendo, divulgando, discutindo métodos e teorias. Mas, não percamos o fim essencial: A Revolução! (RIGA, P. *A Plebe*, 16-12-1920)

Expondo o comprometimento do ensino público com a ideologia do Estado e, portanto a grande dificuldade que se apresenta para que os limites deste condicionamento sejam superados, os anarquistas se declaram a favor de uma educação que não seja subordinada à religião ou ao Estado.

Percebe-se que o jornal estava consciente de seu papel didático e pedagógico pois foram encontradas diversas reportagens, propagandas e até mesmo listagem de livros sugeridos para leitura, vendo na dupla, jornal – livro, a possibilidade de levar os trabalhadores á aprendizagem, abarcando a educação formal e informal de seus leitores , militantes do anarquismo. Nas reportagens já analisadas é clara a consonância dos ideais da pedagogia libertária com o discurso dos editores do jornal, corroborando para uma análise preliminar de que o jornal funcionava como aparato didático e pedagógico para a comunidade libertária.

## REFERENCIAS

BORGES, Vavy Pacheco. **O que é história.** Ed. Brasiliense, São Paulo, SP, 1985.

BOTTOMORE, Tom, **Dicionário do pensamento Marxista**, Ed. Jorge Zahar, Rio de Janeiro, RJ, 2001

FAUSTO, B, **Trabalho urbano e conflito social.** Ed. Difel, Rio de Janeiro, RJ, 1977

GONÇALVES, Ody Furtado, Trajetória e ação educativa do jornal *A Plebe* (1917- 1927) In: **Revista de estudos da Educação, Quaestio**, v.6, n. 2, UNISO, 2004.

LEUENROTH, E. **Anarquismo: roteiro de libertação social.** Ed. Mundo Livre, Rio de Janeiro, RJ, 1963

MARX, Karl, **A liberdade de Imprensa**, Ed. L&PM, Porto Alegre, 1980.

MARX, Karl. ENGELS, Friedrich. **A ideologia Alemã.** Ed. Livraria Martins Fontes, São Paulo, 1979.

\_\_\_\_\_, **A ideologia Alemã (Feuerbach)** Ed. Hucitec, São Paulo, SP, 1993.

SILVA, Sergio. **Expansão cafeeira e origens da indústria no Brasil.** Ed. Alfa Omega, São Paulo, SP, 1986.

<sup>1</sup> Período demarcado pela fundação do jornal “ A Plebe” e seus 10 anos de existência.

<sup>2</sup> Em 1907 havia 326 empresas em seu território ao passo que em 1929 já existiam 6.923. Dados obtidos em SILVA, 1986, p.79

<sup>3</sup> Inutilizar oficina gráfica. (Dicionário Barsa, vol 1, Enciclopédia Britânica do Brasil, Rio de Janeiro)